

2019-07-10

Perspectivas metodológicas na investigação psicanalítica envolvendo mitologia: algumas discussões

Cicero Conde, Ana Flávia

<http://rpsico.mdp.edu.ar/handle/123456789/1110>

Descargado de RPsico, Repositorio de Psicología. Facultad de Psicología - Universidad Nacional de Mar del Plata. Inni

Perspectivas metodológicas na investigação psicanalítica envolvendo mitologia: algumas discussões

Ana Flávia Cicero Conde¹
Paulo José da Costa²

Resumo

A intersecção entre a psicanálise e a mitologia vem sendo realizada e utilizada no campo psicanalítico desde o tempo de Sigmund Freud, trazendo efetivas contribuições à sua teoria e enriquecendo a compreensão dos fenômenos clínicos. Tendo isto em vista, nosso propósito é discutir algumas possibilidades metodológicas que podem ser utilizadas quando existe interesse em se fazer investigação psicanalítica que envolva a psicanálise e a mitologia. Para tanto, apresentamos as especificidades da pesquisa no campo psicanalítico, ressaltando a sua presença na universidade e as maneiras de fazer investigação neste local. Também tratamos das peculiaridades que envolvem o fazer pesquisa envolvendo a mitologia. Posteriormente, destacamos e debatemos duas propostas metodológicas que podem ser utilizadas: a) Psicanálise aplicada, extensa ou extramuros. b) Pesquisa teórica que não se pauta no método psicanalítico, constituindo-se de propostas investigativas realizadas por outros procedimentos metodológicos, considerando os relatos míticos como uma forma discursiva, de modo a favorecer a construção de relações com a teoria psicanalítica, que permitam discussões, análises e sistematizações.

Palavras-chave: Psicanálise – Mitologia – Método – Investigação Psicanalítica

Perspectivas metodológicas en la investigación psicoanalítica incluyendo la mitología: algunas discusiones

Resumen

La intersección entre el psicoanálisis y la mitología viene siendo realizada y utilizada en el campo psicoanalítico desde el tiempo de Sigmund Freud, trayendo efectivas contribuciones a su teoría y enriqueciendo la comprensión de los fenómenos clínicos. Así pues, nuestro propósito es discutir algunas posibilidades metodológicas que pueden ser utilizadas cuando existe interés en llevar a cabo una investigación psicoanalítica que involucre el psicoanálisis y la mitología. Para tanto, presentamos las especificidades de la investigación en el campo psicoanalítico resaltando su presencia en la universidad. También tratamos de las peculiaridades que implican el hacer investigación involucrando la mitología. Posteriormente, destacamos y debatimos dos propuestas metodológicas que pueden ser utilizadas: a) Psicoanálisis aplicado, extenso o extramuros. b) Investigación teórica que no se basa en el método psicoanalítico, constituyéndose de propuestas investigativas realizadas por otros procedimientos metodológicos, considerando los relatos míticos como una forma discursiva, favoreciendo así la construcción de relaciones con la teoría psicoanalítica, que permitan discusiones, análisis y sistematizaciones.

Palabras clave: Psicoanálisis – Mitología – Método – Investigación Psicoanalítica.

Methodological approaches in psychoanalytical research involving mythology: some discussions

Abstract

The intersection between psychoanalysis and mythology has been carried out and used in the psychoanalytic field from Sigmund Freud's time bringing about effective contributions to his theory and enriching the clinical

¹ Centro Universitário Unifamma, Brasil. E.mail: anaflaviaconde@outlook.com

² Universidade Estadual de Maringá, Brasil. E-mail: pjcosta@uem.br

phenomena understanding. Thus, our purpose is to discuss some methodological possibilities that may be used when an interest in doing psychoanalytical and mythological research is involved. To do so, we introduce the research peculiarities within the psychoanalytic field highlighting their presence at the university environment along with the ways of researching. We also stress and discuss on two methodological approaches that may be used: a) psychoanalysis practice extended or beyond the office. b) theoretical research not supported by the psychoanalytic method but by investigative proposals made by other methodological procedures regarding the mythical stories as a discursive way, and thereby enabling the relations with the psychoanalytical theory and the discussion, study and systematization as well.

Keywords: Psychoanalysis - Mythology - Method - Psychoanalytic Research.

Introdução

Fazer pesquisa é sem dúvidas uma tarefa árdua, que envolve dedicação, empenho e imersão do pesquisador em seu objeto de estudo, para poder tirar dele conclusões, verificações ou, ao menos, algumas considerações. Mas para que se chegue a isto, é preciso “... identificar um problema, armá-lo com os instrumentos conceituais adequados, trabalhar com a literatura pertinente e procurar resolvê-lo, ou ao menos avançar na sua formulação” (Mezan, 2002, p. 399). Também é importante a escolha do método a ser usado na pesquisa, pois é ele quem norteará quais passos deverão ser dados e quais estratégias serão adotadas, garantindo o rigor e a legitimidade da investigação.

Antes de continuarmos, é importante fazermos uma diferenciação entre os termos metodologia e método. Segundo Ceccarelli (2012), o método diz respeito do caminho a ser seguido em uma pesquisa. Portanto, o que deverá ser feito, quando e como para que se alcance os objetivos propostos. Já a metodologia, trata-se, de acordo com o autor anteriormente citado, do “... conhecimento sobre o caminho a ser seguido” (p. 138), retratando, de modo geral, a investigação e validação dos métodos.

Neste artigo, vamos discutir algumas possibilidades metodológicas que podem ser utilizadas quando existe interesse em se fazer pesquisa que envolva psicanálise e mitologia, pois nesse tipo de investigação temos uma intersecção entre dois saberes distintos, o que pode culminar em efetivas contribuições, mas também em dificuldades. sendo necessário considerar as peculiaridades de cada um. Este tipo de pesquisa é, muitas vezes, proposto também dentro do espaço da universidade, em programas de mestrado e doutorado, sendo um dos motivos pelos quais é pertinente nos perguntarmos como essas pesquisas

podem ser feitas, quais os caminhos ou métodos mais apropriados para serem utilizados.

A intersecção entre psicanálise e mitologia já vem sendo utilizada no campo psicanalítico desde o tempo de Freud, o qual utilizou a potencialidade dos mitos, principalmente dos gregos, em expressar-se sobre o humano para, segundo Emidio e Hashimoto (2011), fazer análises, e ainda, sustentar suas teses e ideias sobre o funcionamento mental. Mezan (2002) ressalta que Freud considerava a cultura como “... um dos pilares da construção da sua teoria: junto com a clínica e com a auto-análise” (p. 237), de maneira que ele sempre recorria à fonte cultural, como os mitos, para sustentar algumas de suas descobertas e poder compartilhar com o leitor uma referência comum a ambos. Esta possibilidade de investigação que utiliza a mitologia foi seguida por inúmeros psicanalistas contemporâneos de Freud, bem como por outros posteriores a ele. E ainda continua a ser entendida, nos dias atuais, como um modo de compreensão do psiquismo (Ávila, 2002; Berlfein, 2003; Costa, 2014; Migliavacca, 1998, 2002, 2004; Versiani, 2008; Wolff & Costa, 2017).

Procurando possíveis soluções para a forma como pode se dar esta intersecção, vamos apresentar, primeiramente, as especificidades da pesquisa no campo psicanalítico, ressaltando a sua presença na universidade e as maneiras de fazer pesquisa neste local que, até certo ponto, dependendo da perspectiva que se adote, podem se diferenciar das realizadas em instituições psicanalíticas. Em seguida, apresentaremos as peculiaridades que envolvem o fazer pesquisa envolvendo a mitologia, enfatizando a sua interação com a psicanálise. Posteriormente, destacaremos duas propostas metodológicas que podem ser utilizadas quando se propõe fazer pesquisas que promovam o encontro entre psicanálise e mitologia, embora a pretensão não

seja esgotar o assunto dada a amplitude da temática.

A Psicanálise, a pesquisa e sua relação com a universidade

Segundo Lowenkron (2004) o elemento mais importante da psicanálise, seguindo a herança freudiana, é o seu método de investigação no que tange a produção do saber psicanalítico. Nessa mesma direção, Figueiredo e Minerbo (2006) afirmam que a pesquisa com o método psicanalítico “... requer o psicanalista em atividade analítica” (p. 259), de maneira que ele precisa estar sempre atento às transferências e contratransferências que permeiam a sua relação com o objeto de pesquisa, assim como, “... dão a marca da singularidade ao que se descobre e ao que se inventa e cria” (p. 261) neste tipo de pesquisa.

E por falar em singularidade, de acordo com Mezan (1993), ainda que a psicanálise aborde o subjetivo, entendido como aquilo que é próprio a cada sujeito da investigação, no seu vértice teórico ela precisa fazer um movimento que parte do singular para o universal, passando de uma dimensão do conhecimento para outra, através da constatação do que existe de comum a todos os elementos, mesmo partindo da especificidade do individual. Nessa perspectiva, torna-se necessário um processo elaborativo de construção teórica, que especifique e demonstre os achados investigados, sendo que “... a teoria em psicanálise é, fundamentalmente, um trabalho de pensamento, abstração e elaboração que ocorre depois da escuta analítica e a partir dela, constituindo o cerne do saber psicanalítico” (Campos & Coelho, 2010, p. 249).

A psicanálise, assim como qualquer outro campo do conhecimento, tem suas peculiaridades, porque ela possui o seu próprio objeto de estudo, o inconsciente, e é moldada a partir dele, considerando suas marcas pulsionais, seus conflitos e suas manifestações, o que implica em ser subjetivo. Entretanto, segundo Ceccarelli (2012), detém, “... o mesmo valor do objeto de pesquisa das ciências naturais. Muitas vezes, a realidade psíquica possui, na subjetividade de quem a anuncia, o mesmo estatuto que a realidade ‘objetiva’” (p. 141).

A partir disto, podemos dizer que, apesar de seu objeto de estudo ser subjetivo, ele precisa ser tratado com o mesmo rigor que qualquer outro objeto de investigação, considerando-se a forma como isso deve ser feito, ou seja, respeitando suas

especificidades que implicam em condições próprias para o processo investigativo.

De acordo com Aiello Fernandes, Ambrosio e Vaisberg (2012), Mezan (2002) e Sampaio (2006), toda pesquisa ou investigação psicanalítica é do tipo qualitativo, porque ela “... trabalha em profundidade com casos específicos” (Mezan, 2002, p. 430). Assim, se dedica a fazer investigações intersubjetivas que visam compreender a fundo as singularidades e propriedades únicas de cada objeto, para depois poder remetê-las ao universal.

Este tipo de investigação qualitativa reconhece que ao se fazer pesquisa não existe neutralidade ou imparcialidade, pois a interação entre pesquisador e objeto não é imparcial ou desinteressada, havendo um entrelaçamento entre subjetividade e objetividade, de forma que estes dois âmbitos permeados dão espaço para a emersão da criatividade, que consiste naquilo que vai possibilitar a construção de avanços relevantes (Tavares & Hashimoto, 2013). Tendo em vista essa concepção, o rigor é alcançado a partir “... do cultivo da explicitação dos pressupostos e nunca da defesa da possibilidade de desapego total de todo e qualquer pressuposto” (Aiello Fernandes, Ambrosio & Vaisberg, 2012, p. 309). Portanto, torna-se imprescindível deixar claro os pressupostos teóricos e metodológicos.

González Rey (2010) sustenta que para fazer pesquisa qualitativa é necessário flexibilidade e abertura do pesquisador, pois nela se tem uma produção intelectual organizada e sistemática, que permite o desenvolvimento de modelos de inteligibilidade sobre aquilo que se está investigando, o que faz com que ela se constitua como essencial para a produção de saberes e de teorias. Além disto, de acordo com autor acima citado, outra característica que se destaca na pesquisa qualitativa é o seu caráter interpretativo, sendo que nela os dados são interpretados a partir do contexto ou do sistema em que eles se encontram, de maneira que não são considerados como algo em si mesmo.

Há tempos a psicanálise adentrou nas universidades, em diversos países, tomando espaço principalmente dentro dos cursos de medicina e psicologia. Os cursos de Jean Laplanche na Universidade Paris VII são um exemplo fecundo disto, visto a importância que seus seminários ganharam para a construção de sua teoria, conhecida como a teoria da sedução generalizada. Além de inúmeras outras obras, a transcrição desses cursos deu origem à coleção “Problemáticas”, uma série de sete livros, dos

quais cinco foram publicados no Brasil (Febrapsi, s.d.). E por falar em nosso país, considerando o cenário atual, a psicanálise tem forte presença nas academias e muitas pesquisas são feitas a partir de seu arsenal de conhecimentos (Fonteneles & Coutinho, 2016).

Entretanto, diferentemente da clínica e dos institutos de formação psicanalítica, a pesquisa nesse campo dentro da universidade possui algumas preocupações diferenciadas, tendo que se considerar aspectos que fora da academia não são condicionantes. Na pesquisa acadêmica é indispensável se atentar em “... *fundamentar, justificar e contextualizar* as afirmações que constituem o núcleo de cada tese, o que implica recorrer à teoria de um modo diferente daquele que utilizamos no consultório” (Mezan, 2002, p. 396, grifo do autor).

Também é preciso apresentar hipóteses fecundas, bem sustentadas por seus argumentos, que tragam contribuições para o tema que se está pesquisando, colaborando com o desenvolvimento da própria teoria. O rigor não retira o caráter psicanalítico da pesquisa, de acordo com Mezan (2002); pelo contrário, ele continua e é ainda incrementado, visto que o pesquisador é forçado a fazer um trabalho que tenha relevância e a se atentar para uma boa revisão bibliográfica sobre o que já foi escrito sobre o tema, explorando ao máximo aquilo que se pretende pesquisar, trazendo assim, contribuições teóricas que refletem na clínica.

Assim sendo, em que pese divergências ainda existentes quanto à relação entre a psicanálise e a universidade, entre os modos de se fazer pesquisa (Kessler & Bessa, 2017; Migliavacca, 2001; Monte, 2002), com polarizações cuja discussão não faz parte o escopo do presente artigo, a investigação psicanalítica na academia pode tanto utilizar o método psicanalítico *stricto sensu*, como valer-se de outros métodos, dependendo do tipo de pesquisa e da peculiaridade do seu objetivo.

Mitologia: a pesquisa e a psicanálise

Os mitos podem ser entendidos como representações coletivas que refletem questões humanas, dizem sobre o mundo, os homens, os deuses, a vida, suas complexidades e transformações, dentre outras indagações, se caracterizando, por isso, como uma fonte de conhecimento (Migliavacca, 1998). Nessa perspectiva, Eliade (1972) nos conta que os mitos eram histórias sagradas que abordavam acontecimentos de um período mais inicial, das

origens, principalmente a criação do mundo, dos seres divinos e sobrenaturais. Assim, estas narrativas orais se disseminavam entre os povos, transmitindo os conhecimentos neles presentes e narrando eventos de um tempo anterior, sendo que, justamente por causa desta transmissão, os mitos eram vivos para aquele povo que os criou.

Por possuir estas características, os mitos podem ser compreendidos, de acordo com Vernant (1990), como obras criadas pelos homens que expressam “... uma atividade mental organizada” (p. 15), e até mesmo, segundo Migliavacca (2002), como “... modelo do funcionamento mental e do comportamento humano” (p. 251), mas não apenas de comportamentos manifestos, também de fantasias inconscientes, podendo, assim, expressar os desejos humanos mais profundos.

Como os mitos tiveram sua origem em um contexto histórico, social e cultural específico, é preciso considerar suas singularidades sempre que os abordamos. Mas ao analisarmos o cenário atual, podemos notar que muitas das questões tratadas nos mitos ainda se encontram presentes e são entendidas como importantes, o que indica, como ressaltam Migliavacca (2002) e Costa (2014), que o mito transcende seu limite temporal e histórico, sendo, portanto, atemporal.

Estas potencialidades dos mitos, presentes em todas as culturas, já são justificativas suficientes para se trabalhar com esse material. E particularmente no caso da mitologia grega, Vernant (1990) ainda acrescenta o fato de a documentação referente à civilização grega ser “... a mais extensa, mais diferenciada, mais bem elaborada que a de outras civilizações” (p. 16). Além do que, o autor considera que ela não nos é estranha, como são algumas outras culturas, e continua viva em certas tradições culturais, tornando mais fácil o seu estudo e compreensão.

É grande a presença dos mitos, e principalmente da mitologia grega, na obra freudiana. Eles podem ser encontrados em diversos textos, onde são utilizados por diferentes razões, perpassando toda a obra. Os exemplos mais clássicos são os usos dos mitos de Édipo e o de Narciso, os quais foram analisados, mas também serviram para sustentar e ilustrar os conceitos de complexo de Édipo e de narcisismo, confirmando a assertiva de Emidio e Hashimoto (2011) de que podemos olhar os mitos tanto como objetos de análise quanto como maneiras de sustentar as ideias e conceitos psicanalíticos.

O uso dos mitos na obra freudiana, assim como da arte e da literatura, também tinha como função indicar que Freud não estava discorrendo

apenas sobre questões individuais e singulares de cada paciente ou obra analisada, mas sim, de pontos universais, que são inerentes a todos os seres humanos e ao imaginário coletivo (Emidio & Hashimoto, 2011; Mezan, 2002). Além disto, ao utilizar em sua obra essa ferramenta, que é o mito, Freud disponibilizou para seus seguidores, segundo Migliavacca (2002), uma maneira de entrar em contato com a vida psíquica. Freud (1926/1996f) inclusive recomendou aos psicanalistas que a usassem e a estudassem, propondo que a mitologia, particularmente a grega, fizesse parte da formação do psicanalista, visto as suas potencialidades de auxílio no conhecimento do humano.

Portanto, são várias as razões para se promover o encontro entre psicanálise e mitologia. Somando-se ao já exposto, Emidio e Hashimoto (2011) nos dizem que é conveniente proporcionar tal encontro porque, tanto a mitologia quanto a psicanálise, possuem caráter atemporal. Concordamos com os referidos autores, pois mesmo a primeira tendo surgido a tanto tempo, muitos aspectos humanos tratados nos mitos ainda se mostram atuais no que se refere às questões que aborda, e a segunda entende que as manifestações do inconsciente não estão presas à categoria temporal, nem são destruídas com a ação do tempo.

Ademais, diríamos que é profícuo promover esse encontro porque a mitologia fala sobre o humano e nos oferece modelos de funcionamento mental, que podem ser investigados, analisados ou associados pela psicanálise, possibilitando inúmeras oportunidades de nos aventurarmos em reflexões e descobertas daquilo que é referente ao homem, que nos instiga e inquieta.

Estando posto que é rico o encontro entre mitologia e psicanálise e que muitas pesquisas relacionam e envolvem estas duas fontes de conhecimento sobre o homem, vamos agora nos dedicar a expor possibilidades metodológicas que podem ser utilizadas nesse tipo de investigação, porque para que este encontro seja mesmo proveitoso é preciso ser considerada a forma e o caminho que será percorrido.

Propostas metodológicas possíveis

Freud (1923/1996e) define o termo psicanálise como comportando em si três sentidos, visto que este seria o nome dado tanto a um procedimento investigativo de aspectos do psiquismo somente acessíveis por este meio,

quanto a um método de tratamento, como um conjunto teórico acumulado a partir dos dois elementos anteriores. Portanto, temos na psicanálise uma forma de investigar o psiquismo, que pode ser entendido como o método psicanalítico, uma forma de tratamento e a consolidação de uma teoria. Entendemos que estes três componentes podem ser estudados e pesquisados, tanto a partir do próprio método psicanalítico quanto através de outros métodos, o que leva a pesquisa para outros campos.

Compreendemos que a pesquisa que é chamada propriamente de psicanalítica é aquela que utiliza o método psicanalítico para fazer as suas investigações, ou seja, que usa os procedimentos próprios da psicanálise para analisar seus objetos de estudo. Entretanto, esses não precisam se restringir à clínica e ao tratamento, visto que, segundo Laplanche (1992), tanto a clínica quanto a psicanálise exportada, a teoria e a história, bem como os fenômenos culturais e sociais, podem ser objetos da experiência psicanalítica. Além disso, também é possível a realização de pesquisas acerca da psicanálise, que são aquelas que se debruçam sobre a própria psicanálise, ou utilizam seu arcabouço teórico.

Diante destas duas possibilidades de se fazer investigação no campo psicanalítico, que seria a pesquisa psicanalítica propriamente (aquela que utiliza o método psicanalítico), e a pesquisa que versa sobre a psicanálise ou utiliza seu arcabouço teórico para o alcance do objetivo da investigação, podemos perceber que existem diferentes maneiras de se relacionar com a psicanálise ao se fazer pesquisa e delas se desdobram métodos que permitem fazer investigações que relacionam esta disciplina com a mitologia. Discutiremos duas possibilidades neste artigo, sendo elas: a) psicanálise aplicada, extensa ou extramuros; e b) pesquisa teórica que não se pauta no método psicanalítico.

Psicanálise aplicada, extensa ou extramuros

O ponto central que norteia este tipo investigativo é o uso do método psicanalítico na sua realização. Assim, nesse modo de pesquisar podem ser estudados diferentes fenômenos, processos socioculturais, mitos, acontecimentos, obras literárias ou artísticas, entre outros acontecimentos humanos, através do método psicanalítico (Aiello, Ambrosio & Vaisberg, 2012; Figueiredo & Minerbo, 2006; Herrmann, 1983).

A psicanálise aplicada, extensa ou extramuros, é aquele tipo de investigação psicanalítica que se dedica exclusivamente a estudar aquilo que se encontra fora do espaço circunscrito pela clínica, tais como os fenômenos sociais e culturais. Mas, como poderemos notar, diferentes autores utilizam termos divergentes para nomear esta forma de se fazer pesquisa. Alguns a chamam de aplicada, seguindo o termo que era utilizado por Freud, apesar de ele não o ter conceituado; outros a chamam de extensa, como faz Herrmann (2004); e ainda outros, como Laplanche (1992), a nomeiam de extramuros ou exportada.

A psicanálise aplicada se tornou um campo da atividade psicanalítica em 1907 com a criação da coleção *Schriften zur angewandten Seelenkunde* (Monografias de psicologia aplicada), que se tornou um marco. Era composta por 20 volumes, de acordo com Strachey (1996), contendo obras de Freud, Jung, Abraham, Pfister, entre outros. Dois textos de Freud foram publicados nelas: *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* e *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, sendo que ambos também passaram a fazer parte das suas obras completas (Freud, 1907/1996a, 1910/1996b, respectivamente).

Sobre os textos da referida coleção, Freud (1907/1996a) comentou que eles apresentam estudos onde elementos culturais são analisados pela perspectiva de conhecimentos psicológicos, abordando por vezes questões mais amplas e em outras visando o aprofundamento de um assunto mais limitado.

Esta coleção e a criação da revista *Imago* tiveram importância semelhante para a disseminação da psicanálise “aplicada”. A revista *Imago* foi, de acordo com Mezan (2002), um periódico especializado na aplicação da psicanálise “... àquilo que não é estritamente clínico. Precisamente, fazem parte da psicanálise aplicada estudos sobre fenômenos sociais e fenômenos culturais” (p. 318). Neste periódico Freud publicou alguns de seus trabalhos, como *Totem e Tabu* e *O Moisés de Michelangelo*, que ao mesmo tempo se encontram nas coleções das suas obras completas (Freud, 1913/1996c, 1914/1996d, respectivamente).

Portanto, este foi o primeiro termo utilizado para se referir a articulação entre psicanálise e fenômenos que se encontram fora do âmbito específico da clínica, mas que também podem ser investigados pelo método psicanalítico. Entretanto, surgiram críticas ao termo psicanálise aplicada, pois ele passaria a impressão de que a

psicanálise, como um conjunto de conhecimentos acerca do psiquismo, seria transposta para um outro lugar, que seriam os fenômenos culturais, sociais, mitológicos, entre outros, como se fosse algo pronto que pode ser aplicado, desprezando o fato de que o fenômeno transferencial sempre permeará a psicanálise, independente de qual seja o seu objeto de estudo. (Kobori, 2013; Mezan, 1985)

Laplanche (1992) também critica o termo “aplicada”, porque sugere a possibilidade de uma transposição direta dos elementos psicanalíticos para outro campo, tal como ocorre, por exemplo, nas engenharias, o que subverteria a especificidade do conhecimento próprio da Psicanálise.

Diante disto, o autor propõe o termo psicanálise extramuros ou exportada, entendendo que aquilo que se encontra fora dos muros da clínica também pode ser objeto da experiência psicanalítica, e não somente de uma aplicação que não considera as especificidades de uma relação que possui as peculiaridades da psicanálise, como a transferência, por exemplo.

Herrmann (2004) chama este tipo de pesquisa de clínica extensa, visto que entende que esse nome pode abarcar todas as variantes da psicanálise, “... seja esta clínica, padrão ou extensa, literária, cultural, etc., já que a aplicação do método interpretativo sempre tem uma dimensão de cura, mesmo quando não diz respeito a doença alguma” (p. 48). Então, para este autor, o ponto central é o uso do método psicanalítico, independente de qual seja o objeto estudado, cabendo a toda forma de se fazer psicanálise a nomeação de clínica extensa, inclusive quando o psicanalista se dedica à investigação da sociedade e da cultura.

Apesar destas diferentes formas de denominar esse tipo de pesquisa, notamos que é comum aos autores que se dedicaram a compreendê-lo o entendimento de que o seu objetivo é abordar fenômenos extraclínicos, que se encontram presentes na cultura e no social, como a literatura, a mitologia, a arte, e certos fenômenos socioculturais, entre outros, que despertam interesse no psicanalista. A intervenção realizada não terá, na maioria das vezes, a intenção de ser terapêutica; ela buscará a elucidação de um problema a partir da visão psicanalítica e de seu método, que consiste na interpretação daquilo que é obtido através da observação e da investigação. Além disto, possui a potencialidade de produzir novas sugestões teóricas pela apresentação daquilo que o psicanalista encontrou, de maneira

comunicável e aproveitável para a produção de novos conhecimentos.

A diferença da psicanálise aplicada, extensa ou extramuros, da atividade psicanalítica comum à clínica é, de acordo com Mezan (2002), de que no contexto clínico o psicanalista objetiva com a sua prática investigativa “... tanto à *elucidação* quanto à *transformação* do que ocorre entre ele e seu paciente” (p. 420, grifos do autor). Sendo diferente de quando a atenção do profissional se encontra voltada para um fato da cultura, por exemplo, onde “... a dimensão prática está ausente – *et por cause*, já que não envolve uma dupla e os fenômenos transferenciais mobilizados nela e por ela, mas um pesquisar e um objeto a ser construído a partir de dados empíricos” (p. 420, grifos do autor).

Nesta perspectiva se torna possível fazer análise de mitos através do método psicanalítico, tomando-os como objeto de análise e utilizando as mesmas ferramentas que se usaria para analisar um paciente na clínica, como a escuta flutuante, as associações livres e as interpretações, visto que os mitos também são produções humanas repletas de potencialidades. Entretanto, nesses casos, não se tem a associação livre do paciente e a escuta flutuante do psicanalista; tudo fica centrado no psicanalista pesquisador, obrigando-o a reforçar o rigor e a se atentar àquilo que o material desperta nele, naquilo que parece destoante; enfim, em todos os sinais que possam surgir na sua vigência relacional com o objeto estudado.

Ao se fazer esse tipo de pesquisa é preciso se atentar, portanto, a todas àquelas regras da análise clínica, mas sempre se lembrando de que as obras, mitos ou fenômenos culturais não possuem apenas elementos que podem ser transpostos para a compreensão do psiquismo em geral, pois elas também têm suas individualidades e particularidades, que precisam ser distinguidas. Assim, a partir da compreensão e análise dos mitos e seus personagens, se torna possível extrair dados que podem auxiliar a compreender a vida psíquica individual e o funcionamento psíquico, visto que, de acordo com Mezan (2002), a psicanálise aplicada “... é capaz de ler, nas maiúsculas da cultura, coisas que podem ter validade também nas minúsculas da vida psíquica individual” (p. 319).

Ainda de acordo com Mezan (2002), o psicanalista precisa, primeiramente, se atentar para o que se mostra como destoante dentro da linearidade do enredo, buscando aquilo que se encontra latente, de forma a não se mostrar de maneira totalmente claro, para que se possa chegar ao que é subjacente na obra, no fato ou fenômeno

estudado. Diante disso, se passa a formular hipóteses interpretativas, que devem ser aptas “... a desvendar ... um aspecto até então insuspeitado e capaz de ser elucidado com o instrumental psicanalítico, pois se refere às emoções ou ao comportamento dos personagens, ao efeito que a obra produz sobre quem a está fruindo, etc” (Mezan, 2002, p. 377). Destaque-se que não se trata de interpretar o inconsciente do autor da obra.

Nesses casos, as hipóteses precisam ser testadas e verificadas na tentativa de que não aconteçam erros e enganos, mas também porque nesse tipo de pesquisa sempre está presente o perigo de o pesquisador projetar aquilo que pensa sobre o objeto de estudo nas suas hipóteses e interpretações, o que deve ser combatido. Uma das formas de se evitar esses tipos de enganos é conhecer bem o que se está investigando, observando seus contextos. Tal ponto se mostra fundamental quando se considera o campo da mitologia, visto que ela possui seu próprio contexto histórico no qual foi criada, que é profundamente singular se comparado a outras conjunturas.

Tendo as hipóteses em mãos, o próximo passo, de acordo com Mezan (2002), é as universalizar, para que se tome conhecimento da sua importância no contexto mais amplo, que seria o da vida humana no geral. Nesse momento, se mostra indispensável fazer a fundamentação psicanalítica, pois é ela quem dará base e segurança para as interpretações, fazendo um movimento de “... vaivém entre elementos da metapsicologia e situações da obra” (p. 379). A interpretação, por fim, permitirá conhecer elementos fundamentais e universais do funcionamento psíquico, que podem colaborar com a análise do humano.

Quanto à interpretação psicanalítica no trabalho com os mitos, cabe destacar que Migliavacca (1998) é contrária a que se use esse recurso, afirmando: “... eu não faço interpretação psicanalítica dos mitos...” (p. 142). O que a autora ressalta é que, mesmo sendo fundamental a utilização dos procedimentos investigativos próprios da psicanálise, a interpretação psicanalítica em sentido estrito tenderia a não levar em conta aspectos contextuais inerentes aos mitos e, com isto, os empobreceria. Sua proposta é “deixar o mito falar...” (p. 142) a partir das sucessivas leituras das narrativas mitológicas e das associações de ideias que tal contato suscita, num processo de análise que não se fecha, pois provoca novas associações, onde o sentido que emerge não é único nem se esgota em si mesmo. E é

justamente por isso que, segundo a autora acima citada, os mitos se constituem em uma fonte inexaurível para o estudo dos fenômenos humanos.

Alguns cuidados precisam ser tomados, para que se evite a psicologização dos personagens, ou da própria obra investigada, de maneira que não sejam taxados unicamente a partir dos conceitos e complexos teóricos, mas sim utilizá-los para se pensar naquilo que a teoria nos oferece, como metáforas e modelos, a partir do que possa propiciar ampliação de sentido. Apesar disso, podemos afirmar que, seguindo o modelo de investigação clínica e se guiando pelo método psicanalítico, é possível fazer pesquisa sobre a mitologia, entendendo-a como um terreno viável de investigações que se encontra fora dos muros da clínica, mas dentro do campo das experiências humanas.

O trabalho com os mitos na pesquisa que utiliza o método psicanalítico acontece de maneira que a construção teórica se dá depois da análise do mito e de sua leitura flutuante, assim como se faz uma escuta flutuante e analítica na clínica, se utilizando as mesmas ferramentas que são usadas na clínica para ler o mito, ressaltando a suposta dinâmica psíquica presente no mito analisado a partir das hipóteses interpretativas.

O olhar do psicanalista vai estar direcionado para aquilo que se manifesta no mito, sendo que, o próprio mito, da mesma forma que as obras literárias e outros fenômenos culturais que podem ser analisados pela psicanálise, deve ser “... desconstruído, desmontado, recortado, e reconstruído segundo certas linhas de força, tal como o faríamos na clínica de consultório” (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 269). O discurso presente no objeto de estudo deve ser abordado a partir de uma atitude aberta e interpretante, possibilitando associações que são sustentadas pelos modelos teóricos, história pessoal do pesquisador, suas inqueitações, interesses, entre outras possíveis influências (Berlfein, 2003).

Pesquisa teórica que não se pauta no método psicanalítico

Também existem propostas de investigações psicanalíticas que exploram seu arcabouço teórico, sem necessariamente utilizar especificamente o seu método, e que estão sendo amplamente utilizadas nas universidades, produzindo resultados relevantes. Nesse sentido, uma outra possibilidade de investigação em que se produz a articulação entre mitologia e psicanálise é a pesquisa teórica, na qual não se utiliza o método

psicanalítico, mas são realizadas por outros meios as articulações entre o que se encontra nos relatos míticos e o arcabouço teórico e conceitual produzido no campo psicanalítico.

Desta maneira, ao não se estar vinculado *stricto sensu* ao uso do método psicanalítico, abre-se espaço para que sejam realizadas pesquisas sobre psicanálise, como definido por Garcia-Roza (1994), que podem se desdobrar em pesquisas conceituais, históricas, metapsicológicas, epistemológicas, entre outras, que fazem associações com elementos míticos. Os mitos são entendidos aqui como mais um material a ser explorado no intuito de colaborar com o alcance dos objetivos propostos da investigação que se quer realizar, visto eles serem de grande riqueza no que diz respeito a elementos, modelos e metáforas do humano.

Então, nesse tipo de pesquisa são estudadas as ideias psicanalíticas através de investigações estritamente teóricas. Mezan (2006) exemplifica esse modo investigativo através das pesquisas metapsicológicas, que se debruçam sobre algum elemento específico do arcabouço psicanalítico ao invés de se dedicar a compreender os processos psíquicos diretamente. Garcia-Roza (1994), ao chamar esta modalidade de *pesquisa sobre psicanálise* entende que nesta vertente não existem dependências da prática clínica, do método psicanalítico ou do psicanalista atuante, o que viabiliza a sua realização nas universidades, em programas de pós-graduação, contanto que se tenha um pesquisador interessado.

Segundo Naffah Neto (2006) pesquisas deste tipo possuem importância porque podem “... questionar, colocar em xeque e rever os próprios alicerces sobre os quais a psicanálise se assenta, ou as formações sociais/culturais com as quais se articula” (p. 282), produzindo discussões acerca da própria psicanálise, seus pressupostos e conceitos. Outra competência destas pesquisas é, para Mezan (2006), o fato de que “com frequência, as noções empregadas para estudar o problema escolhido saem revigoradas do embate com aquilo que foram convocadas a esclarecer” (p. 233), contribuindo, assim, com o desenvolvimento da própria psicanálise.

A teoria psicanalítica, seu arsenal de ideias e conceitos podem ser utilizados, então, para a análise dos mais variados temas, fenômenos psíquicos, culturais e sociais (Ceccarelli, 2012; Figueiredo & Minerbo 2006), assim como podem ser relacionados com outras formas de conhecimento, por exemplo, a mitologia, promovendo novas articulações e colaborando

com a elucidação de diversas questões investigativas.

Na pesquisa sobre psicanálise não serão analisadas as transferências entre o pesquisador e o objeto de estudo, de modo que estes atravessamentos não serão considerados psicanaliticamente no feitiço da investigação. Porém, como se trata de uma pesquisa qualitativa já se tem prefigurado que o subjetivo interfere no objetivo, ou seja, que a pesquisa, o pesquisador e seu objeto de estudo não sairão incólumes; pelo contrário, todos serão afetados por sua interação, trazendo implicações nos resultados.

Assim, é possível realizar pesquisa que relacione psicanálise e mitologia sem recorrer ao método psicanalítico, de maneira que os mitos não são necessariamente interpretados, a leitura não se dá de maneira flutuante, a transferência e a contratransferência não são centrais para se definir os caminhos da pesquisa. Em lugar do modo de fazer característico do método psicanalítico são feitas leituras minuciosas, associações entre elementos presentes nas ideias, nos conceitos, nos relatos míticos, e são construídas discussões, relações e análises que permitem avançar ou colaborar com o entendimento do objeto de estudo proposto, que pode ser tanto um elemento conceitual ou uma formulação psicanalítica, quanto algum fenômeno social ou cultural, como os mitos, por exemplo.

Tendo em vista essa perspectiva, pode-se dizer que as possibilidades de procedimentos metodológicos passíveis de serem usados ampliam-se consideravelmente, dependendo do propósito do trabalho, do interesse do pesquisador, bem como dos recursos e habilidades que este disponha. Certamente que, dada a amplitude de possibilidades, torna-se inviável abordar cada procedimento no espaço de um artigo. Contudo, de modo geral, se tomarmos os relatos míticos como uma forma discursiva, torna-se possível detectar elementos neles presentes a partir de sucessivas leituras que propiciam a emergência de conteúdos os quais podem ser categorizados, ou ser estabelecidas diferentes associações entre eles, de modo a favorecer a construção de relações que permitam discussões, análises e sistematizações a partir do pano de fundo que seria o arcabouço teórico da psicanálise. E isto pode ser feito através de diferentes meios, cujos procedimentos são

oriundos de outros métodos que não o psicanalítico.

Esta concepção de fazer pesquisa recebe algumas críticas devido a sua maneira diferente de lidar com a psicanálise, por não utilizar o método psicanalítico. Mas se a considerarmos como um outro modo de fazer pesquisa, que não pretende ser psicanalítica em sentido estrito, visto que não utiliza o método desta disciplina, as críticas não se sustentam e pode ser valorizado o seu lado positivo, que se resume em poder trazer contribuições para o entendimento dos mais variados temas através do uso do arcabouço teórico produzido pela psicanálise.

Assim, é possível produzir um novo conhecimento que poderá contribuir tanto para o desenvolvimento da própria teoria psicanalítica quanto para o trabalho clínico. Também se torna possível evidenciar, através da atividade especulativa, elementos que podem ser inferidos do conteúdo mítico, estabelecendo aproximações com os processos humanos.

Considerações Finais

Diante da exposição destas duas possibilidades de se pesquisar e promover articulações entre psicanálise e mitologia, podemos afirmar que não há um método mais coerente ou mais correto para se realizar este tipo de investigação, mas sim uma multiplicidade de possibilidades. A escolha do método deve ser feita a partir da sua melhor adequação com os objetivos, objetos de estudo e desejos do investigador, pois todos podem produzir resultados significativos, que contribuam com o desenvolvimento da psicanálise, seja no seu aspecto teórico ou clínico. O desejo do pesquisador precisa ser considerado porque a subjetividade não deve ser excluída do processo de pesquisa e da produção de conhecimento, principalmente quando se encontra no campo das ciências humanas e particularmente da psicanálise.

O que deve ser ressaltado é que em qualquer uma das formas de se fazer pesquisa é preciso seguir o rigor científico e ser crítico para poder identificar as possíveis falhas e fragilidades, ainda mais quando se faz pesquisa na universidade, que se mostra hoje como um local fértil para o desenvolvimento do conhecimento psicanalítico.

Referências

- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F. F. & Vaisberg, T. M. J. A. (2012). Em L. S. L. P. C. Tardivo & T. M. J. A. Vaisberg. (Orgs.). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: considerações preliminares (pp. 306-314). *X Jornada Apoiar - o Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social- 20 anos*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em <http://serefaz.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/aiello-fernandes-ambrosio-e-aiello-vaisberg-APOIAR-2012.pdf>
- Ávila, L. A. (2002). Psicanálise e mitologia grega. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 14/15 (152/153), 7-18.
- Berlfein, E. (2003). José y sus hermanos: Del mito al psicoanálisis. In: E. Czernikowski; R. Gaspari; S. Matus & S. Moscana (comp.). *Entre Hermanos: Sentido y efectos del vinculo fraterno* (pp. 47-78). Buenos Aires: Lugar.
- Campos, E. B. V. & Coelho Jr, N. E. (2010). Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 247-257. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a12v27n2.pdf>
- Ceccarelli, P. R. (2012). Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In P. E. Melo & M. Deusdedit Júnior (Org.). *Psicologia: diálogos contemporâneos* (pp. 137-146). Curitiba: CRV.
- Costa, P. J. (2014). Mitologia grega e psicanálise: uma apresentação. In P.J. Costa (Org.). *Mitologia grega e psicanálise: reflexões* (pp.5-6). Curitiba, PR: CVR.
- Eliade, M. (1972). *Mito e realidade*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Emidio, T.S. & Hashimoto, F. (2011). Histórias de uma antiga relação: uma compreensão da presença dos conteúdos mitológicos na construção do pensamento psicanalítico de Sigmund Freud. *Revista de Psicologia da UNESP*, 10(1), 24-38. Disponível em <http://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/557/513/>
- Febrapsi – Federação Brasileira de Psicanálise (s.d.). *Jean Laplanche*. Disponível em <http://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2016/10/jean-laplanche.pdf>
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>
- Fonteneles, C. S. L. & Coutinho, D. M. B. (2016). Psicanálise e universidade: o caso brasileiro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(4), 175-188.
- Freud, S. (1996a). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp.15-90). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996b). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11, pp.67-141). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996c). Totem e Tabu. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp.13-174). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996d). O Moisés de Michelangelo. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp.219-248). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996e). Dois verbetes de enciclopédia. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp.243-268). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996f). A questão da análise leiga. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp.177-255). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926).
- Garcia-Roza, L. (1994). Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*, 1, 9-32.
- González Rey, F. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning. (Original pub. em 2005).
- Herrmann, F. (1983). *O que é psicanálise: para iniciantes ou não*. (13a ed.). São Paulo: Psique.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron. *Pesquisando com o Método Psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kessler, C. H. & Bessa, I. A. (2017). Pesquisa e formação em psicanálise na universidade: tensionamentos. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 9(1), 115-124. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v9n1/v9n1a12.pdf> Doi: 10.18379/2176-4891.2017v1p.115
- Kobori, E. T. (2013). Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(2), 73-81. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a06.pdf>
- Laplanche, J. (1992). Introdução. In J. Laplanche. *Novos Fundamentos Para a Psicanálise* (pp. 1-17). (Cláudia Berliner Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lowenkron, T. S. (2004). O objeto da investigação psicanalítica. In F. Herrmann & T. S. Lowenkron. *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 21-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Mezan, R. (1993). Que significa pesquisa em psicanálise. In M. E. L. Silva (Ed.). *Investigação e psicanálise* (pp. 49-89). Campinas: Papyrus.
- Mezan, R. (2002). Psicanálise. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras.
- Mezan, R. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), 227-241. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>
- Migliavacca, E. M. (1998). O universo dos mitos e a compreensão psicanalítica do ser e estar no mundo. *Mudanças*, 6 (10), 139-150.
- Migliavacca, E. M. (2001). A psicanálise e a universidade: pesquisa. *Psicologia USP*, 12(2), 119-123. Doi: 10.1590/S0103-65642001000200009
- Migliavacca, E.M. (2002). Dupla face do mito: modelo e função. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(2), 251-262.
- Migliavacca, E. M. (2004). A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(4), 843-866.
- Monte, J. B. (2002). *Considerações metodológicas sobre a pesquisa em psicanálise na universidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83522/195727.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Naffah Neto, A. (2006). A pesquisa psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 279-288. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a18.pdf>
- Sampaio, C. P. (2006). Algumas ideias sobre pesquisa em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 243-255. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a16.pdf>
- Strachey, J. (1996). Nota de rodapé. In J. Strachey. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp.227). Rio de Janeiro: Imago.
- Tavares, L. A. T. & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a02.pdf>
- Vernant, J-P. (1990). *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica* (Haiganuch Sarian Trad., 2a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra
- Versiani, R. (2008). *Mito e psicanálise*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8422/1/2008>
- Wolff, A. C. & Costa, P. J. (2017). Uma contribuição mitológica para pensar a mudança catastrófica no psiquismo. In P. J. Costa (Ed.). *Psicanálise e mitologia grega: ensaios* (pp. 11-28). Curitiba: Appris.

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Recibido: 18/05/2018

Aceptado: 16/10/2018